

VIOLÊNCIA NA VIDA DO ADOLESCENTE

Luana Marina RABELLO NAVARRO¹

RESUMO: Neste trabalho, o objetivo é analisar a violência doméstica contra o adolescente. A violência doméstica é representada como uma atitude de fuga e defesa, intencional e impune e como uma banalização legitimada. Essas representações ancoram-se na sensação de abandono e rejeição, cuja superação deverá ser buscada de forma multidimensional para a busca de novas práticas e condutas socialmente aceitas.

Palavras-chave: Violência. Adolescentes. Família. Sociedade. Direitos Humanos.

1 Violência

A violência - concebida como um fenômeno socialmente construído - é representada de forma diferente entre as sociedades e entre os grupos de uma mesma sociedade. No contexto das mudanças culturais provocadas pela sociedade pós-industrial, a família reconfigurou seus papéis com uma distribuição desigual de autoridade e poder e uma maior fragilidade de diálogo.

A emancipação feminina e o ingresso da mulher no mundo do trabalho diminuíram a participação dos pais na educação dos filhos, criando um vácuo formativo não preenchido pelas creches, nem pelas escolas. Em decorrência disso, estabeleceu-se uma indefinição de papéis sociais e de limites da (in) disciplina e do abuso físico dos filhos.

Os comportamentos socialmente aprendidos nos espaços domésticos são frequentemente reproduzidos pelos adolescentes nos espaços extra familiares, configurando-se, muitas vezes, em atitudes de permissividade e violência.

Os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que é gerada por eles mesmos, conflitos interpessoais, baixa auto-estima, frustrações e risco de ser tanto agressor quanto vítima, com a possibilidade de desenvolver a violência intergeracional.

¹ Discente do 2º termo do curso de Direito das Faculdades Integradas "Antônio Eufrásio de Toledo" de Presidente Prudente/SP. E-mail luana_migah@hotmail.com.

A violência origina-se do latim "violentia", que significa o ato de violentar abusivamente contra o direito natural, exercendo constrangimento sobre determinada pessoa por obrigá-la a praticar algo contra sua vontade.

Considerada um fenômeno multicausal, a violência é um processo de vitimização que se expressa em "atos com intenção de prejudicar, subtrair, subestimar e subjugar, envolvendo sempre um conteúdo de poder, quer seja intelectual quer seja físico, econômico, político ou social. Atingem de forma mais hostil os seres mais indefesos da sociedade, como as crianças e adolescentes, e também as mulheres sem, contudo, poupar os demais".

Entre as várias formas de expressão da violência estão a física, a sexual, a psicológica e a negligência. A primeira consiste no uso intencional, não acidental da força, através de agressões, tapas, murros, maus tratos e espancamentos. A violência sexual é vista como um abuso do poderio exercido sobre determinada vítima sem seu consentimento como carícias indesejadas, exploração sexual, exibicionismo, pornografias infantis e estupro.

A violência psicológica é caracterizada por desrespeito, verbalização inadequada, humilhação, ofensas, intimidações, traição, ameaças de morte e de abandono emocional e material, resultando em sofrimento mental. Por fim, temos a negligência como uma forma de omitir o atendimento das necessidades básicas.

A violência quando praticada dentro do lar é chamada violência doméstica. Essa ocorre em meio às interações pai- mãe -filho, e não deve ser considerada algo natural; ao contrário, é algo destrutivo e que permeia a dinâmica familiar, podendo atingir crianças, mulheres e adolescentes de diferentes níveis sócio-culturais.

A respeito disso, em um documento do Ministério da Saúde que considera a violência doméstica contra crianças e adolescentes como "uma violência interpessoal e intersubjetiva; um abuso do poder disciplinar e coercitivo dos pais e responsáveis; uma negação dos valores humanos fundamentais como a vida, a liberdade e a segurança e violação dos direitos essenciais da criança e do adolescente; redução da vítima à condição de objeto de maus tratos; pode prolongar-se por meses e anos, pois como pertence à esfera do privado reveste-se do sigilo".

Entre as inúmeras causas que levam ao aumento da incidência dos atos violentos estão as insatisfações próprias do ser humano, que podem produzir uma falta de autocontrole resultando em atitudes agressivas praticadas em seu convívio familiar.

2 Consequências e causas da Violência

A violência leva a consequências orgânicas, psicológicas, comportamentais (autoritarismo, delinquência, entre outros) e desequilíbrio familiar. As orgânicas estão relacionadas com seqüelas a nível corporal como lesões abdominais, oculares, fraturas, queimaduras e lesões permanentes ou temporárias, podendo levar à morte.

As psicológicas caracterizam-se por raiva, medo, ansiedade e revolta frente ao agressor, resultando em desconfiança, diminuição do aprendizado, sentimentos de exclusão e receio nos relacionamentos interpessoais.

Entre as consequências comportamentais, o autoritarismo revela uma pessoa que passou por momentos de sofrimento, levando a mesma às atitudes de imposição, negação e não aceitação de idéias contrárias; a delinquência faz o indivíduo praticar delitos e crimes, levando às punições severas pelos atos executados.

A violência gerada e presenciada a nível doméstico torna necessário que se faça algo de cunho preventivo visando a um decréscimo nos acontecimentos e a uma melhor interação intrafamiliar.

A violência intrafamiliar difere do conceito de violência doméstica por incluir “os outros membros do grupo, sem função parental, que convivem no espaço doméstico”. Entre os fatores de risco da violência intrafamiliar, há componentes associados à família, à relação do casal, à criança, ao idoso e à deficiência.

A família, como grupo de pessoas com vínculos afetivos, de convivência, tem a função primordial de socialização de seus membros. Essa função é exercida num contexto dinâmico de organização e de relação e poder.

Nesse contexto emergem: distribuição desigual de autoridade e poder entre os membros da família; relação centrada em papéis e funções rigidamente definidas; indiferença entre os familiares resultando a perda de limites entre os mesmo; ambiente estressado, com dificuldade de diálogo e descontrole de agressividade; situações de crises ou perdas (morte, separação, migração, entre outras); baixo nível de desenvolvimento da autonomia dos indivíduos; história de violência familiar na família; uso de drogas; antecedentes criminais ou uso de armas; comprometimento psicológico/psiquiátrico dos indivíduos; dependência econômica/emocional e baixa auto-estima entre os membros. Todos esses fatores predisõem à violência.

O problema da violência chega aos serviços de saúde em diferentes situações e momentos, principalmente quando o evento de agressão provocou repercussões graves.

Para o adolescente o processo de análise das representações sociais nessa faixa etária implica explicitar o não-dito, o latente, investigando, na trama complexa das relações sociais do adolescente, a violência instituída na vida familiar com seus contornos corriqueiros, seus simbolismos e seus mecanismos de construção e expressão.

Nela, a representação social é entendida como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, equivalendo, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, que podem também ser vistos como a versão contemporânea do senso comum.

2.1 Estratégias de prevenção

O acesso a essas representações poderá subsidiar estratégias de prevenção e atenuação do dano físico e emocional. Essas estratégias poderão ser incluídas em programas de assistência à saúde do adolescente desenvolvida pelas escolas de ensino fundamental e médio.

Essa forma de atuar diretamente nas escolas, ajuda os adolescentes no seu processo de formação de personalidade, responsabilidade, autonomia, vida civil e social.

Exigindo novos olhares por parte de sua família, e escola, lugar de experiências significativas no processo de crescimento, desenvolvimento e construção de identidade do adolescente.

3 CONCLUSÃO

A violência existe onde menos se espera, nas famílias que menos se imagina. A conscientização por parte das escolas, igrejas e amigos, pode ajudar. Não sendo totalmente suficiente, a melhor maneira de amenizar os casos de violência doméstica, é a denuncia por pessoas que sejam mais próximas à esses casos.

Dentro de todos os tipos de violência, existe atualmente o Bullyng, que não muito comentado, mas mesmo assim, um assunto totalmente importante e polêmico.

A sociedade tem o poder de evitar muito destes casos, sendo então, a melhor maneira de evitar, é a conscientização por parte de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

FACULDADES INTEGRADAS “ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”. **Normalização de apresentação de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 2007 – Presidente Prudente, 2007, 110p.

BALLONE, G.J. Violência e agressão: da criança, do adolescente e do jovem. [online]. Disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/conduta2b.html>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Violência intrafamiliar: Disponível em:
<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

CLAUDINO, Cristiane Selma; CARDOSO, Maria Eunice Melo. **A abordagem com vítima e violadores**: anjos do silêncio. Florianópolis: Centro de Estudos, Pesquisa e Prevenção da Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, 1999. 31 p.

COUTINHO, Maria da Penha de L. Depressão infantil: uma abordagem psicossocial. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2001.

ADOLESCÊNCIA e violência: ações comunitárias na prevenção: **conhecendo, articulando, integrando e multiplicando. 2. ed.** São Paulo: Casa do Psicólogo, Editorial Heróica, 2002.